

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

### O EROTISMO DECADENTE: INFLUÊNCIAS BAUDELAIRIANAS EM GILKA MACHADO

SUZANE MORAIS DA VEIGA

#### RESUMO:

Durante a *Belle Époque* carioca, no auge das primeiras décadas do século XX, Gilka Machado surge no cenário nacional como uma das mais eloqüentes vozes femininas de literatura em língua portuguesa. Transgressora, em meio a uma sociedade misógina, provoca furor com a publicação de seu primeiro livro *Cristais Partidos*, dotado de um desejo erótico surpreendente, desafiando, assim, o “interdito ao sexo”.

Tal erotismo está intrinsecamente ligado à influência exercida pela obra poética de Charles Baudelaire, importante escritor e crítico francês, considerado pai do Decadentismo, em cujos poemas revela a mulher como sujeito do desejo sexual introduzindo a *persona* da mulher fatal, a qual define o eu-lírico gilkaniano.

Objetivamos, dessa forma, promover uma análise dos aspectos que englobam a influência de Baudelaire na escrita de Gilka Machado, vitais para se entender a imagética na construção dos poemas da escritora, nos quais todos os elementos convergem para a gênese de um erotismo esfuziante e decadente.

No auge das primeiras décadas do século XX, Gilka da Costa de Mello Machado surge no cenário nacional como uma das mais eloqüentes vozes femininas já vistas no Brasil. Dotada de uma poesia transgressora, provoca polêmica na “bem-educada” sociedade burguesa da época, principalmente por apresentar a mulher como sujeito do desejo sexual, assemelhando-se em muito – e do qual sofrera

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

grande influência – ao que fizera décadas antes Baudelaire na burguesa França oitocentista.

No Brasil do início do século XX, o puritanismo, as preocupações morais, o rigor das convicções religiosas, em suma, a exigente e rígida cultura da burguesia exigia de homens e, principalmente, de mulheres, uma reserva erótica. A mulher vivia numa sociedade patriarcal e misógina, na qual para o homem, como afirma Elisabeth Baudinier (1986, p. 125), a mulher tem, triplamente, o status de objeto. Ao mesmo tempo, é um instrumento de promoção social (casamentos por interesse), eventualmente um objeto de distração, e um ventre do qual se toma posse.

Dotada de uma extrema irritação antiburguesa, Gilka ficou, e ficará sempre, como exemplo, isolado em seu tempo, de corajosa transgressão das expectativas sociais com respeito à mulher. Feminista, *avant la lettre*, rebelde, possui todas as características do pioneirismo de um lirismo de primeira água, como raros na *belle époque*.

Natural do Rio de Janeiro, Gilka Machado nasceu no dia 12 de Março de 1893. Casou-se com o poeta Rodolfo de Melo Machado em 1910 e juntos tiveram dois filhos: Hélios e Eros. Faleceu no Rio de Janeiro capital, no dia 11 de Dezembro de 1980. Sua obra poética inaugura-se em 1915 com o lançamento do seu primeiro livro de poemas “Cristais Partidos”. Publicou, ainda, posteriormente “Estados de Alma” em 1917, “Poesias 1915/1917” em 1918, “Mulher Nua”

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

em 1922, “O Grande Amor”, “Meu Glorioso Pecado” em 1928, e “Carne e Alma” em 1931.

Em 1932, foi publicada em Cochabamba, Bolívia, a antologia “Sonetos y Poemas de Gilka Machado”, com prefácio de Antônio Capdeville. No ano seguinte, a escritora foi eleita “a maior poetisa do Brasil”, por concurso da revista “O Malho”, do Rio de Janeiro. Lançou nos anos seguintes os livros: “Sublimação” em 1938, “Meu rosto” em 1947, “Velha Poesia” em 1968 e suas “Poesias Completas”, editadas em 1978.

Dona de uma extensa produção literária, Gilka foi alvo de muitas críticas com o lançamento do seu primeiro livro “Cristais Partidos”, sobretudo, por ter explorado com ousadia a temática do desejo erótico e desafiado, assim, o “interdito ao sexo”.

A escrita de Gilka Machado expressa o sincretismo finissecular (fusão de Parnasianismo, Decadentismo e Simbolismo) fruto da transição literária na qual ela estava inserida. Esse período é a chamada *Belle Époque* que no Brasil situa-se entre 1889, com a proclamação da República, até 1922, ano da Semana de Arte Moderna. Nessa fase, surgem poetas novos, epígonos parnasianos e simbolistas, os quais se distinguem por herdar traços tanto de uma quanto da outra escola literária, abrindo-se, assim, vários rumos.

Visceralmente contra o *zeitgeist* realista, positivista, evolucionista, a poesia de Gilka Machado se encontra mesclada por elementos então em voga na época, destacando-se os advindos do Decaden-

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

tismo, os quais contribuem não só na temática como inclusive em requisitos formais, como na liberdade rítmica.

O Decadentismo ocorrera no final do século XIX na França e se opunha ao realismo e ao naturalismo. A origem do termo refere-se ao modo pejorativo como foi designado um grupo de jovens intelectuais franceses que compartilhavam uma visão pessimista do mundo, uma inclinação estética pelo subjetivismo e pelo gosto das dimensões misteriosas da existência, tendo como base a obra poética de Charles Baudelaire (1821-1867), importante poeta e teórico de arte francês. Esses jovens poetas, dentre os quais destacam-se Paul Verlaine (1844-1896), Stéphane Mallarmé (1842-1898), J. K. Huysmans (1848- 1907), denunciavam uma sociedade urbano-industrial impregnada por uma racionalidade científica e pragmática, própria de um materialismo burguês que despontava como algo de abjeto. Além disso, a sensação de viver numa época terminal perpassava toda a Europa; a consciência da ruína cultural e política do período era latente. Por isso, eles acusaram a sociedade da época de decadente, o mesmo termo pelo qual eles seriam, mais tarde, denominados de forma depreciativa, o qual, porém, o grupo incorpora positivamente, dando a ele uma conotação diferente da original, como podemos ver no verso de Paul Verlaine: “*Je suis l’empire à la fin de la décadence*” (“Sou o império no fim da decadência”).

Baudelaire, cuja produção poética inspira o Decadentismo, era contra a moral burguesa do casamento e do puritanismo sexual somente reservado ao casamento, e, mesmo assim, tratado com extrema

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

contingência. Por isso, procura personas sexuais marginalizadas como a prostituta, a lésbica, a mulher estéril, maquiada, tendo como paradigma essencial a mulher fatal, a qual não respeita preceitos burgueses sociais, religiosos ou morais.

Análoga a Baudelaire, Gilka Machado desenvolve uma escrita permeada por um erotismo escaldante, através de uma explosão de sexualidade. Conforme afirma Foucault (1976 p. 13): “Se o sexo é reprimido, isto é, condenado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o único fato de se falar sobre o assunto e de se falar de sua repressão, adquire uma aragem de transgressão deliberada”; assim, percebemos que a insatisfação social, a sexualidade e a literatura vêm sempre acompanhados nos momentos mais críticos da crise na sociedade. Com isso, em ambas as obras, há a representação da mulher fálica – a mulher fatal – em pleno controle de sua sexualidade.

Dessa maneira, o eu-lírico feminino gilkaniano situa-se como sujeito do desejo sexual, como uma mulher desejante. Eros revela-se com força total levando-nos à “mais alta contemplação” como diria Otavio Paz (1994, p.45). Por conseguinte, ela usa o sensualismo erótico como afirmação da sexualidade da Mulher, trazendo sobre si os anseios e desejos de todas as mulheres (“Rosas”):

Seja qualquer a cor, por sobre o hastil de cada  
Rosa, vive a Mulher, nos jardins flor tornada:  
- símbolo da Volúpia a excitar o Desejo.

.....  
Dai que eu possa gozar, ao vosso colo rente,  
Esse perfume a um tempo excitante e emoliente,  
Numa dúbia, sensual e suave sensação!

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Essa caracterização da mulher como detentora da Volúpia, desejante em concretizar as palpitações de seu Desejo por desabrochar qual flor exibindo-se em um jardim, é muito próximo ao *Ideal* de mulher – fatal – procurada pelo eu-lírico Baudelairiano (“Ideal”):

Jamais serão essas vinhetas decadentes,  
Belezas pútridas de um século plebeu  
Nem borzeguins ou castanholas estridentes,  
Que irão bastar a um coração igual ao meu.

Concedo a Gavarni, o poeta das cloroses,  
Todo o rebanho das belezas de hospital,  
Pois nunca vi dentre essas pálidas necroses  
Uma só flor afim de meu sangüíneo ideal.

É mister mencionar as várias *personas* femininas criadas por Gilka. Como afirma Massaud Moisés (1984, p. 257) ora será *fauve*, notadamente em se tratando de cores como em “Emotividade da Cor”; ora satânica ou vampiresca em seus arranques passionais como no poema “Volúpia”; ora entediada (“Conjecturando”) ou como uma doente, decadente (“Canção de uma doente”). Nessa cisão megalomaníaca do “eu” em duplos ou múltiplos, ela consegue através das angústias e sofrimentos individuais traçar ontologicamente a agonia (das mulheres e mais tarde de toda sorte de oprimidos) de uma sociedade decadente.

Essa tendência, sem dúvida magistralmente trabalhada por Baudelaire em seus poemas, é no que consiste a modernidade da poesia de Gilka Machado, cujo espólio poético apresenta material singular da tentativa de fuga da trivialidade do real até as mais distantes zonas do misterioso e do poético.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

A transgressão do proibido caminha de mãos dadas com o erotismo. O pecado e o desejo da carne geram conflitos interiores entre o pudor (determinado pela moral e religião) e o prazer obtido no desejo erótico. Como nos diz Otávio Paz (1994, p. 18) “Em todas as sociedades há um conjunto de proibições e tabus – também de estímulos e incentivos – destinados a regular e controlar o instinto sexual”; assim, a prática sexual do homem passou a ter sua frequência regulada pela religião e pela sua disponibilidade para o trabalho. O desejo foi minimizado para que houvesse o equilíbrio essencial à atividade do homem em sociedade. Os instintos sexuais foram ligados à animalidade e, conseqüentemente, repelidos pelo homem, o qual lhes atribuiu um caráter maligno colocando-os no universo das proibições, das decadências humanas.

Dessa maneira, a mulher aparece na literatura baudelairiana como a figura primordial detentora do desejo erótico e, por isso, contendo um aspecto maligno e transgressor, pois se entrega aos instintos primevos do ser humano.

Da mesma maneira, Gilka Machado, em sua produção poética, assume o aspecto de mulher baudelairiana, mas a fim de definir os contornos externos de uma autonomia poética que até então não se conhecia em literatura de autoria feminina. A poeta encena uma dupla geografia do estado do ser feminino, retratando, a princípio, o prazer no avesso do corpo, na matriz do imaginário, no ambiente das idéias, dos sonhos e sentimentos represados. Assim, expressa o desejo no terreno externo do corpo, espaço assumido pela exposição real

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

dos sentimentos e desejos humanos interditados às mulheres de sua época, pelo menos às chamadas “moças de família”. Daí, o caráter transgressor de sua obra, na medida em que leva o seu interlocutor a se desviar do paradigma hierarquizante homem/mulher, o qual durante todo o trajeto da construção poética da autora é levado a ser demolido.

Esse trabalho poético empreendido por Gilka (e também outras mulheres da época) foi uma espécie de mola propulsora para uma conscientização da produção artística feminina que, mais tarde, seria talvez o fenômeno mais significativo da literatura na segunda metade do século XX. Assim nos confirma Nelly Novaes Coelho (1999), em relação à transgressão do cânone patriarcal, ressaltando ser

Inegável que, mais que os estudos das ciências sociais, a literatura tem sido um dos grandes grandes instrumentos conscientizados. Desde as vozes pioneiras que, na poesia do início do século, se assumiam como “transgressoras” (Colombina, Gilka Machado, Pagu) até nossos dias, a literatura vem dando voz a uma nova consciência da mulher, não só em relação a si mesma (...) mas também em sua tarefa na construção da História. (COELHO, 1999, p. 11)

Conforme constata Ronaldo Lima Lins (1990, p. 60) “há instantes em que a destruição acena como a única via para a restauração dos valores do homem”; assim, em Gilka Machado, o erotismo, através da explosão da sexualidade, representa a única maneira de libertação precisando-se, dessa forma, denunciar e destruir os tabus em-

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

preendidos pela sociedade, a qual visa através da contenção da sexualidade também conter a liberdade que esta apresenta e que dificilmente durante a história da humanidade pôde ser controlada.

É claro que esse erotismo tão cercado de angústias não se dá de forma tranqüila; por conseguinte, há nos poemas de Gilka, assim como nos poemas de Baudelaire, um erotismo ligado à violência, à violação, segundo afirma Georges Bataille (1987, p. 16): “O que significa o erotismo dos corpos senão uma violação do ser dos parceiros, uma violação que confina com a morte, que confina com o assassinio?”. Pode-se perceber isto no seguinte poema, intitulado “Sensual”:

Quando, longe de ti, solitária, medito  
Neste afeto pagão que envergonhada oculto,  
Vem-me às narinas, logo, o perfume esquisito  
Que o teu corpo desprende e há no teu próprio vulto.

A febril confissão deste afeto infinito  
Há muito que, medrosa, em meus lábios sepulto,  
Pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,  
À minha castidade é como que um insulto.

Se acaso te achas longe, a colossal barreira  
Dos protestos que, outrora, eu fizera a mim mesma  
De orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, se estás ao meu lado, a barreira desaba,  
E sinto da volúpia a ascosa e fria lesma  
Minha carne poluir com repugnante baba...

O eu-lírico é assim seduzido pelo jogo de aromas que o corpo do outro exala e que o invade através de uma volúpia insaciável, fonte de inquietações e perturbações. O sexo na poesia de Gilka será

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

visto como maldito e profundamente atrelado à melancolia, ligando-se, assim, à poesia de Baudelaire como nos versos do poema “À que está sempre alegre”:

E humilhado pela beleza  
Da primavera ébria de cor,  
Ali castiguei numa flor  
A insolência da Natureza.

Assim eu quisera uma noite,  
Quando a hora da volúpia soa,  
Às frondes de tua pessoa  
Subir, tendo à mão um açoite,

Punir-te a carne embevecida,  
Magoar o teu peito perdoado  
E abrir em teu flanco assustado  
Uma larga e oca ferida,

E, como êxtase supremo,  
Por entre esses lábios frementes,  
Mais deslumbrantes, mais ridentes,  
Infundir-te, irmã, meu veneno!

Quanto à estética do erotismo nos poemas gilkanianos, pode-se perceber uma influência direta do Decadentismo tributário de Baudelaire no que tange a busca da perfeição na construção das imagens (significação) das palavras em busca de sensações novas. Segundo Fúlvia Moretto (1989), o poeta decadente, utilizando a inteligência (mundo sensível), busca a libertação através da arte e esta é contemplada com certo tédio, que será evitado pela procura de sensações mais intensas, imersas no extravagante, no mórbido, nos requintes da forma. Essas sensações, ainda segundo a mesma autora,

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

são conseguidas através de uma contemplação narcísica de seu universo interior e secreto.

Assim, há uma transgressão no ato estético do erotismo de Gilka, pois ela é ciente do labor do fazer poético em busca desse ideal estético de perfeição, herança baudelairiana. Logo, pode-se perceber em sua poesia uma liberdade rítmica e um estilo próprio na composição do léxico (“Impressões do Luar”).

Os perfumes me vêm, de momento a momento,  
Lentos, níveos, e penso: anda, por certo, o Vento,  
Em derredor de mim, flores a desfolhar...

Como empoadas estão as árvores, na rua!  
Como tudo está branco!- É o arminho da Lua,  
Que, lá do alto, sacode o pó-de-arroz do luar.

Em sua poesia, o objeto principal é o corpo sensível, o corpo sensual no qual o eu-lírico procura sensações inéditas, refinadas, usando da contemplação (“Canção de uma Doente”):

Ao pôr-do-sol de uma Quimera,  
De uma Quimera ao sol se pôr.

Porém, ao se aprofundar no erotismo em busca de uma resposta à libertação do “eu”, essa vontade não é saciada e, como em Baudelaire, traz um vazio, fazendo com que o eu-lírico caia no Nada e comece a contemplar a si mesmo e ao mundo com extremo Tédio. A única solução é a morte – as Trevas – e a esperança de “encontrar no Ignoto o que tem de *novo*”, como afirma Baudelaire (“A Viagem”):

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Ó Morte, velho capitão, é tempo! Às velas!  
Este país enfara, ó Morte! Para frente!  
Se o mar e o céu recobrem o luto das procelas,  
Em nossos corações brilha uma chama ardente!

Verte-nos teu veneno, ele é que nos conforta!  
Queremos, tal o cérebro nos arde em fogo,  
Ir ao fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?  
Para encontrar no Ignoto o que ele tem de novo!

.....

Nem risos de prazer nem ais de angústia: nada.  
- Dia para o sabor do Tédio, tão somente.  
A atmosfera recorda água morna e estagnada.  
("Tédio").

Mas tu, Sono, me dás a inefável delícia  
De ensaiar a escalada  
Para a Morte – a ascensão à glória ambicionada;

Mas tu, Sono, és a calma, és a mudez propícia  
À suave antevisão da ampla Canaã do Nada.  
("Invocações ao sono").

Na verdade o que poetas como Baudelaire e, mais tarde, Gilka, percebem, é “um certo ar de cansaço, uma vaga idéia de algo que morre, um mundo em decomposição” como diz Fúlvia Moretto (1989), indo contra as idéias realistas, positivistas da *belle époque*. Esperam, assim, encontrar algo de novo em algum lugar diferente do mundo em ruínas no qual eles se perceberam vivendo.

O erotismo na obra de Gilka Machado é fonte de afirmação e libertação e está fortemente marcado pelo Decadentismo *fin-de-siècle*, o mesmo que fora motivado pelos poemas de Baudelaire. Principalmente por se ver subjugada pelos rígidos padrões morais da

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

época e incomodada pela falsa aparência de estufa da *belle époque*, a escrita de Gilka é como um grito de denúncia da decadência da sociedade carioca da época.

Os poemas gilkanianos são, desse modo, permeados por um erotismo decadente, onde transborda sensualismo e sensibilidade, contemplados com certo tédio, cujo teor poético singular faz com que Gilka Machado configure-se como uma das maiores poetisas brasileiras do século XX.

## Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

### Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *Um é o Outro; Relações entre Homens e Mulheres*. Tradução de Carlota Gomes. 5. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Edição bilíngüe. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L & PM, 1987.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed., São Paulo: Cultrix.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e Linguagem: a Obra Literária e a Expressão Lingüística*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. 2. ed., São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MACHADO, Gilka. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

MORETTO, Fúlvia L.M. *Caminhos do Decadentismo Francês*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1989.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

PAZ, Otávio. *A Dupla Chama*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

## **Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo**

PORTELLA, Eduardo. *Teoria Literária*. 3. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 4. ed., Petrópolis: Vozes, 1977.